

# Aler<sup>ta</sup>

C. M. B.  
BIBLIOTECA

REVISTA MENSAL DE PROPAGANDA LIVRE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Campos da Feira, 11-2.º

EDITOR RESPONSÁVEL

Fernando Monteiro

Typographia Minerva—Famalicão

**SUMARIO:** — O nosso aparecimento, *A Redação*. — Blasfemias (versos), *Eliodoro Salgado*. — O pessimismo, *Angelo Jorge*. — A montaria (versos), *Guilherme de Sousa*. — Abstrus. — Importante, *A Redação*.

## O nosso aparecimento

SÃO volvidos quasi quatro longos seculos, depois que um rei fanatico sujestionado por a influencia moral do clero ambicioso e egoista, estabeleceu em Portugal um tribunal infame, cujos fins consistiam em assassinar os velhos, martirisar a juventude, violar as virgens e roubar as riquezas que aquelas vitimas possuisssem. Durante seculos a Umanidade gemeu, assistindo impavida e imovel ante tantos crimes e possuida de um terror inexplicavel, dumia apatia criminosa, conservava-se muda e queda, permanecendo em uma tranquillidade de espetro, em uma imobilidade de esttua, que alentava a infamissima instituição a proseguir nos seus criminosos designios, a perseguir encarniçadamente a Umanidade abatida. Seculos de involvidavel memoria aqueles. O sabio, aquele que procura o misterio da ciencia, o literato que procura a perfeição intelectual d'um povo, o jornalista que com afan procura ensinar o ignorante e todos aqueles que contribuiam para o progresso moral e material dumã nação, todos esses foram vitimas da crueldade barbara dumã instituição, todos esses pereceram vitimas do seu saber e da influencia pernicioso e abusivo, dum clero egoista e de infame memoria. Na historia religiosa abundam crimes infamissimos e atos de inqualificavel selvajaria.

Transviada por completo dos seus primitivos principios, a religião catolica tem sido mais funesta á Umanidade do que util.

Em nome de seu instituidor, filosofo de incomparavel talento, o Catolicismo tem sido o mais implacavel inimigo do Progresso, da Ordem e boa Moralidade.

\*

Deixemos, porém, o passado com as suas terriveis tradições e digamos qual o motivo do aparecimento deste jornal.

A' muito que no nosso espirito abitava a ideia da fundação dum jornal de propaganda livre, jornal de indispensavel utilidade, como no futuro se verá. A falta de elementos necessarios á fundação dumã publicação destas, o receio exagerado daqueles aquem confiamos o nosso projecto, a indiferença excessiva como se olha para tudo que é util e indispensavel, tudo isto obstava a que saisse á publicidade esta revista, todos estes obstaculos nos faziam vacilar e demorar o seu aparecimento. A' face, porém, dos ultimos acontecimentos, isto é, — a fundação n'esta villa de uma colectividade de propaganda jesuitica, a publicação dum jornal para o mesmo fim, a realisação de conferencias sem mais utilidade do que a de fanatisar por uma religião inutil, uma populaça ignorante, os maus instinctos manifestados por os sectarios dumã religião, que o seu instituidor dizia ser para proclamar a Paz e a Armonia e, enfim, a maneira aggressiva e selvagem como queriam evitar a propaganda da doutrina Evangelica, que só tem o defeito de não ser tão rendosa ao clero como a doutrina catolica, — resolveu-nos a sofrer mil sacrificios, a traspor mil obstaculos e a arrostar com a ferocidade canibal daqueles que vêem na

feito  
Peram

religião uma politica, na igreja uma parede para encobrir os seus crimes e na ignorancia Popular o seu interesse, a satisfação do seu criminoso egoismo. Oje como sempre, o nosso Ideal consiste em estabelecer a Paz, facilitar a fraternidade do Povo, coadjuvar na grandiosa ideia de esclarecidos espiritos a instituição Popular; — proclamar por toda a parte, que a verdadeira religião é o cumprimento dos nossos deveres moraes e materiaes, o respeito pelo nosso semelhante, o nosso apoio a tudo que fôr justo, a nossa adesão á realização de todas as cousas que o bom senso aconselha, a destruição de más doutrinas e; emfim, a propagação da *Verdade* e da *Justiça*.

A REDAÇÃO.

## Blasfemias

CONTRA OS CONVENTOS

(A França Borges)

Musa da Liberdade! inspiradora dos penosos trabalhos d'esta idade! vem cumprir um dever de caridade, lançando a tua luz conscladora

nestas almas a quem a luz da aurora jámais um raio deu de claridade! Liberta-as da ilusão da Divindade, a pavorosa esfinge estonteadora!...

Ao mundo as faz voltar e á alegria, deixando-as entrever a luz do dia onde a sombra do claustro havia, só...

Rasga ao frade imbecil as vestes negras! No fogo inutilisa as sacras regras! Faze os conventos desabar no pó!...

ELIODORO SALGADO.

## O pessimismo

A' quem pretenda explicar o pessimismo, que escritores do renome de Schopenhauer tão deploravelmente elevaram á categoria de sistema filosofico, dando-o como symptoma infalivel de dejenerescencia mental, ereditaria, ou advinda, como todas as outras afeções da cerebração, duma tal ou qual depressão fisiologica.

Figura-se-nos plena de bom-senso e de verdade semelhante proposição, tanto mais quanto é certo que entre o nosso sêr psiquico e a parte puramente material de nós-proprios de uma ligação tão estreita e indissolúvel que, em boa verdade, jámais poderemos conceber esta sem aquelle, ou vice-versa. Isso a que nós chamamos

Alma — ou seja, a faculdade que em nós existe de pensarmos e sentirmos — não é mais, afinal, do que um modo-de-ser, uma modalidade da Materia — da Materia una, eterna, universal, unica coisa de que nos é dado ter um conhecimento certo, immediato, indubitavel. Pois acaso não é de ciencia comesinha, intuitiva, a relação inquebrantavel que entre o fisico e o mental, entre o corpo e a alma, existe? Quem desconhece, oje em dia, a verdade do aforismo: *Mente sã em corpo são?*

Uma simples enxaqueca, uma ligeira irregularidade nas funções digestivas, é o quanto basta ao omem para lhe pôr em perigo, momentaneamente, a sua sanidade mental, para lhe desnortear, por momentos, a sua visualidade cerebral. Uma mudança brusca de temperatura, um apagarem-se, de chofre, as resplandecencias do sol para darem logar ás escurezas dum dia de inverno, dispõe-nos mal fisicamente e, logo, moralmente: a melancolia que sobrevem, o máu-umor que nos ataca — de par ãe passo que um dia lindo de verão, um banho enorme de luz ao erguer do leito, manhã cedo, nos insufla a saude no organismo e no intellecto, nos dá a força, a coragem, o otimismo.

O segredo das grandes constancias em prôl d'uma Idêa, das grandes energias revolucionarias, está, mesmo, nisso — na saude, no pleno equilibrio vital. Olhae a Kropotkine, com a sua bella cabeça de intellectual, a sua robustez de omem; olhae a Tolstoi, no sua velhice erculea, que o não impediu, no entanto, de, nalgum momento de perturbações fisiologicas, escrever essa deploravel *Sonata de Kreutzer*: olhae, em suma, a quasi todos os grandes combatentes — organizações de ercules, musculos de ferro.

E', talvez, por tudo isso assim ser — por aver uma tão estreita aliança entre o nosso ser material e o nosso *eu* psiquico — que as multidões, por via de regra, tão impregnadas teem sempre estado, em todos os momentos istoricos, do pessimismo mais desolador e imbecilisante.

Quem algum dia observou, estudou um tanto a psicologia das multidões, sabe o quanto o pessimismo é a sua carateristica dominante.

A miseria, a fome, a carencia de igiène corporal, a insalubridade das abitações, atrofiando-lhes o fisico, provoca-lhes, em concomitancia, a maior depressão moral — o desgosto pela vida, a tristeza, a apatia e, enfim, o fatalismo, essa talvez derradeira encarnação do pessimismo.

Olhando a vida por um prisma anti-natural, recebendo os revezes e os contratempos da sua miseravel existencia, não

como consequencias duma organização social iniqua e abjeta, mas como fataes e inevitaveis mandamentos dum *Destino* invisivel e inesplicavel — as multidões são, por via de regra, refratarias á ação beneficiente, umanitaria, dos apostolos duma Idea que proclama o advento duma Era-Nova onde a Justiça reinasse e a Igualdade fosse uma lei inviolavel e eterna.

«Ora! — ouvireis, num encolher de ombros, ao primeiro omem do povo a quem a vossa veicidade vos tiver levado a esteriorisar-lhe, verbalmente, qualquer ponto basilar da nossa Doutrina escelsa — ora! o mundo sempre assim foi e não são Vocês quem o áde vir agora endireitar!», «esta é a ordem natural das coisas», etc., ou então: «Vocês teem razão, essa é a verdade: mas que lhe avemos nós de fazer? — o mundo é assim...» — e outras, identicas, frases que, na sua injenuidade e simplicidade, resumem, sintetisam o modo-de-sentir das multidões, profundamente pessimistas, sofrendo amarguras sem conta, sempre sob o chicote dos poderosos e sob a tutela, a tutoria dos padres e quejandos misticadores, mas incapazes, pelo seu fatalismo, de se erguerem para a luz duma Idea redentora, um rictus de indignação no rosto, uma imprecação de revolta nos labios!

\*

Mas, acaso se segue então que, por tudo isto assim ser, resultem improfiquos os esforços dos que trazem nos labios o Verbo da Verdade e da Justiça, dos que, dia a dia, batalham por uma reorganização social assente sobre as normas da Ciencia e as leis naturaes — que nos dizem, umas e outras, que acima do omem nada existe, que o omem é o unico deus do Universo, e que todos, pelo simples fato de terem nascido, teem pleno direito á Vida — ao Pão, á Saude, á Felicidade, ao Amor?

Não! claramente, não!

Pelo contrario.

Porque isso é um fato incontestavel, uma verdade, é que se faz mister a maior constancia, o maior devotamento, de banda de nós todos, a uma Idea que visa ao bem-estar, á felicidade de toda a Umanidade!

Quanto mais difficil é a afirmação duma verdade e quanto maior essa verdade é, tanto mais se avoluma a nossa responsabilidade moral e mais aumenta o estricto dever que todos nós, que a possuímos, temos de a espor aos outros, — mais-se faz mister a nossa constancia e a nossa inquebrantabilidade de animo! Pois que mérito averia e que necessidade de esforços, cheios de eroicidade, para a esplanção e defensão duma Idea, se fosse facilimo o espla-

nal-a e defendel-a, e se facilimo fosse o tornal-a aceita pelas maiorias?

De resto, a Verdade áde sempre no mundo triunfar, mais cedo ou mais tarde! Ella é como a foenis da fabula que, mesmo ao depois de queimada, renasce das proprias cinzas.

Deixêmos que os senhores burguezes nos atirem ás faces a sua eterna réplica escarnecedora: «Utopias! utopias...!» Também nos tempos do abominavel absolutismo era utopia o pensar-se no constitucionalismo: e o constitucionalismo vingou; também nos tempos ominosos da escravatura era utopia o sonhar-se na redenção dos escravos: e a redenção deles levou-se a cabo.

Para um cerebro prenhe das estreitas ideas da época, é utopia tudo quanto se alteie dois palmos ao de cima da lama. Sempre assim foi. Mas não se recordam esses que, ao classificar de utopias as nossas mais caras aspirações, negam a lei fatal da Evolução inerente á inteligencia umana, negam esta, até, negando-se, por fim, a si-propios!

Constancia — pois — vigor, inteireza de animo, inflexibilidade de opiniões — eis o que a todos nós é, mais do que nunca, necessario, imprescindivel.

Nada de pessimismos estereis e aborrecedores! Deixemol-os a essa canalha de literatelhos burguezes que, á mingua de saude fisica e mental, á falta de envergadura cerebral capaz de entender e sustentar uma Idea nobre, grande, redentora, perdem o seu tempo na confeção imbecil de versalhada choramigas e de chata prosa arabescada e futil, sem ideal, sem nervos, sem norte, sem ciencia e sem dignidade!

Quanto a nós — pela verdade, pela justiça, pela Umanidade — ávante! A nossa attitude é a do omem torturado a cada momento pelo espetaculo orrendo das iniquidades e abjeções sociaes, pela consciencia da dôr alheia, mas labutando sempre, norteadado pela razão e pela Ciencia, mas sorrindo á lembrança duma Era-Nova que áde um dia raiar — emfim!

Que seja, pois, a nossa voz, a voz da Redenção — a voz do que anatematiza a infamia, do que fulmina a mentira, do que condena a iniquidade — voz retumbante de santa indignação, clamorosa de verdade, tropejante de coleras sagradas!

E que seja sempre a nossa pena o lavrador laborioso e incansavel que, dia a dia, vá lançando á terra a semente da Revolução que áde, em breve, frutificar, para a proxima futura colheita da Verdade e da Justiça!

Porto, Outubro.

ANGELO JORGE.

## A montaria

Sanguisedento, desce um dia ao povoado  
O lobo carniceiro, esqualido e ferós, e  
Tanta ousadia assombra... Eis que brada uma voz:  
«Ao lobo! ao lobo! sú! Matae o negregado!»

A jente do logar, escutando este brado,  
Prepara-se p'ra a luta. O lobo passa e após  
Vae-lhe o povo no encalço, impávido, velós.  
— Por fim o lobo caí, exanime, prostrado.

Tambem a reação, cual fera traíçoera,  
Desceu ao povoado e já busca, altaneira,  
Cevar o seu furor na oste liberal.

A ela! a ela! sú! Avante a montaria!  
Avemos de vencer, lutando noite e dia!  
— Matar a Reação é destruir o Mal.

GUILERME DE SOUSA.

## ABUTRES

E' profundamente doloroso vér a estupidez do povo, dominado e corrompido pela negregada seita do clericalismo, que tudo avassala e envenena, entorpecendo energias, obsecando espiritos, fanatisando consciencias, pelo confessorario, tribuna e imprensa, servindo-se d'esses perniciosos meios para oprimir e vexar adversarios que de frente erguida e conscios de *Verdade* e *Justiça* tentam arrancar a mascara cinica, ipocrita, desses rancorosos obreiros das trevas.

A historia mostra-nos no seu laconismo, o tormentoso e sanguinario baixo imperio desses lutosos e sinistros inimigos da humanidade, imolada em crudelissimas guerras fraticidas ao moloch politico-relijioso.

E', pois, mister que se congreguem todas as forças e elementos de que dispomos, para combater tenazmente a reação clerico-militar burgueza; sem esitações nem tibiezas, com propaganda pelo facto, abstenção completa da igreja, promover e incitar os amigos ao registo civil, proporcionando-lhes, até se fôr possível, os meios necessarios para o realisar; meio de aniquilarmos a infame e esecranda seita de vís batidados.

A ciencia, no seu incessante evolutir, tem-nos demonstrado as falsidades capciosas que a igreja no seu orgulho, esplendoroso culto, apresenta á esibição duns de mediana lucidez, como se fôra uma representação teatral, e á veneração de ignorantes, que sem a minima noção pela mãe natureza, vivem embrenhados n'um imaginario e fantasmagorico sér divino que estupidamente os apavora e aterrorisa; parvo-

ces nocivas para a *Liberdade* que os clericos incutem ao povo, sem uma base que as solidifique, tudo superstições e misterios, dogmas e monices bestialisantes, improprias d'uma época em que a ciencia espanca as trevas espirituas, derramando luz a jorros, nos vem demonstrando a sagacidade — sem contestação possível, os multiplos e complexos phenomenos — siderio e terraqueo.

Analisando a historia fria e serenamente com o escalpelo da razão, as fazes da relijião preponderante (a catolica) desde a queda do paganismo ao florescer do cristianismo, vemos que estes de submissos e oprimidos, no inicio, se tornaram em perseguidores rancorosos, implacaveis, depois das suas falanges terem exterminado o paganismo. Conseguindo Cristo aumentar sensivelmente os adeptos com a doutrina pura que propagava, sendo essa doutrina aliás conhecida mas vagamente divulgada por Platão, e não tendo este a audacia de a propagar, Cristo, o insigne revolucionario e filosofo, teve a energia de prégar a *Paz*, *Amor*, *Liberdade* e *Justiça*, que eram a essencia da doutrina idealizada por Platão.

Adulterando-a os seguidores do cristianismo, transformaram-a em dogmas, trindades, aberrações de espirito e em immaculadas conceições.

(CONTINUA).

## IMPORTANTE

A virtude do omem não consiste em adotar uma relijião e praticar pontualmente os conselhos que formam a sua base, que foram a orijem da sua fundação. Tal erro propalado pelo clero, e que é, por assim dizer a causa unica do nosso atraso intelectual, tem produzido otimos resultados de que o clericalismo tem tirado uma abundante colheita. Resolvidos, como estamos, a seguir os ditames da nossa consciencia e não os conselhos absurdos duma relijião que manda adorar a imajem imperfeita d'uma *santa*, para desprezar o simbolo sublime da Caridade, declaramos que o producto liquido d'esta revista no final do primeiro semestre, será destinado a socorrer aqueles a quem a fatalidade inutilisou dotando-os com uma terrivel enfermidade que os torna inaptos para a vida ativa, e a quem a medicina abandona, n'um momento de desesperada impotencia — os tuberculosos.

A REDAÇÃO.